

Boletim
Estudos
Clássicos



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

HIGINO, UM MITÓGRAFO LATINO EM TRADUÇÃO

IV. O MITO DE HELENA

Por ocasião da participação na iniciativa cultural *Teatrando*, organizada pela Câmara Municipal de Coimbra e que visava a divulgação dos projectos das mais diversas companhias de teatro amador do concelho, o grupo Thíasos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra teve oportunidade de levar de novo à ribalta, no novo e agradável Teatro da Cerca de S. Bernardo (Pátio da Inquisição), a mais recente peça: *Agamémnon*, o primeiro drama da trilogia esquiliana *Oresteia*. Sob a orientação cénica de Lia Nunes, a adaptação deste texto reflecte um dos mitos mais conhecidos e explorados no panorama da literatura grega: o mito de Agamémnon, concentrando-se no seu regresso a casa depois de dez anos em guerra e o seu posterior assassinato às mãos de Clitemnestra. A culpa deste grave incidente ficará sempre associada a Tróia, assim como à figura pela qual se desenrolou a investida da armada grega contra a cidade de Príamo, que resultou em tantas perdas humanas e em tanta destruição (cf. a referida peça esquiliana, 681-781).

Assim, o grupo que se propôs traduzir o conjunto das *Fabulae* de Hígino, e na perspectiva de continuidade da publicação periódica das mesmas, apresenta a fábula 79, respeitante à figura de Helena e que se centra na juventude da esposa de Menelau. Esta fábula relembra um episódio pouco conhecido da vida de Helena: o seu rapto por Teseu, rei de Atenas.

HELENA

Theseus Aegei et Aethrae Pitthei filiae cum Pirithoo Ixionis filio Helenam Tyndarei et Ledae filiam uirginem de fano Dianae sacrificantem rapuerunt et detulerunt Athenas in pagum Atticae regionis. 2. quod Iouis eos cum uidisset tantam audaciam habere ut se ipsi ad periculum offerrent, in quiete eis imperauit ut peterent ambo a Plutone Pirithoo Proserpinam in coniugium; qui cum per insulam Taenariam ad inferos descendissent et de qua re uenissent indicarent Plutoni, a furiis strati diuque lacerati sunt. 3. quo Hercules ad canem tricipitem ducendum cum uenisset, illi fidem eius implorarunt; qui a Plutone impetrauit eosque incolumes eduxit. 4. ob

Helenam Castor et Pollux fratres belligerarunt et Aethram Thesei matrem et Phisadiem Pirithoi sororem ceperunt et in seruitutem sorori dederunt.

HELENA

1. Teseu, filho de Egeu e de Etra, filha de Piteu, e Piríto, filho de Íxion, raptaram Helena, donzela filha de Tíndaro e de Leda, do lugar consagrado a sacrifícios a Diana e levaram-na para Atenas, uma aldeia da região da Ática. 2. Quando Júpiter viu a tão grande audácia dos jovens, de tal forma se expunham ao perigo, ordenou-lhes em sonhos que pedissem Prosérpina em casamento a Plutão; assim que desceram aos Infernos pela ilha de Ténaro e explicaram a Plutão o motivo da sua vinda, foram atacados e atormentados pelas Fúrias durante muito tempo. 3. Quando Hércules ali chegou para levar o cão de três cabeças, imploraram a sua protecção, que convenceu Plutão e os levou incólumes. 4. Por causa de Helena, fizeram guerra os irmãos Castor e Pólux; capturaram Etra, a mãe de Teseu, e Fiscídia, irmã de Piríto, e entregaram-nas à irmã como escravas.



O mito em torno da figura de Helena é, porventura, aquele que se assume como o mais fascinante e, como tal, um dos mitos a que mais recorreram os escritores e poetas ao longo de todos os séculos. Símbolo, por excelência, de beleza e exotismo, não deixa, no entanto, e desde tempos remotos, de suscitar uma grande diversidade de opiniões¹.

De mulher adúltera e frívola, que abandonou uma família e um palácio em busca de uma aventura, a um ser inocente, vítima das voltas do destino e

¹ Sobre Helena, realizou a APEC, em Coimbra, nos dias 3 e 4 de Abril de 2006, um congresso intitulado “O Mito de Helena: de Tróia aos nossos dias”.

da vontade dos deuses que reclama a reabilitação da sua imagem, várias são as perspectivas tidas da personagem e que se vão reflectindo no panorama da literatura grega.

O mito desenvolve-se num ritmo oscilante que permite a divergência de opiniões: nascida da união de Leda com Zeus, sob a forma de cisne, Helena cresce rodeada de esplendor e beleza, tendo, por isso, sido raptada por Teseu por ocasião de sacrifícios a Ártemis. Depois de levada para Atenas, foi resgatada pelos seus irmãos, os Dioscuros, e voltou para o palácio e para junto de Tíndaro, seu pai.

Chegada a altura em que devia casar-se, Tíndaro convoca os mais nobres guerreiros de toda a Hélade e o destino da jovem Helena é decidido pela realização de um sorteio, que é favorável a Menelau – segundo algumas versões do mito, esta escolhe livremente o seu marido. Temendo a reacção negativa dos restantes pretendentes, Tíndaro estabelece um pacto de entreajuda entre todos eles, de forma a que, em situação de crise, a união dos guerreiros se reafirme na sua força.

É este pacto que é invocado por Menelau, quando Helena é raptada pelo jovem Páris, filho de Príamo. Depois de juiz na contenda entre Hera, Afrodite e Atena, para decidir qual das deusas era mais bela, o príncipe escolheu Afrodite como a detentora da beleza suprema, juízo que lhe garantiria o amor da mulher mais bela. Assim que Páris chegou a Esparta, enamorou-se da esposa de Menelau, que levou para o palácio em Tróia, despoletando, desta forma, uma guerra que durou dez anos.

A visão de Helena como ser culpado é uma perspectiva que se vai desenhando desde os primórdios da literatura e que ganha significativa expressão com os Poemas Homéricos; são vários os passos em que se afirma a culpabilidade da rainha espartana (por exemplo, *Il.* 2.160-162), ao mesmo tempo que também é permitida a defesa da sua conduta, e consequentemente a culpabilização, quer dos deuses que permitiram o rapto, quer do jovem que, no seu desvario, executou um acto tão audacioso (*Il.* 3.48-51, 3.164-165, *Od.* 4.259-264).

A desculpabilização de uma figura como a de Helena é conseguida por intermédio de alterações ao mito, nomeadamente aquelas que não a colocam em Tróia, mas sim num outro espaço, que permita que seja inocentada de uma união adúltera consentida com Páris; esse lugar acaba, invariavelmente, por ser o Egipto. Heródoto fala, no livro II das *Histórias*, na permanência de Helena no país, assim como procede a uma caracterização negativa de Páris, com o intuito de reabilitação da figura da esposa de Menelau (2.112-120).

Esta tendência de desculpabilização de Helena continua a conviver com a ideia de mulher adúltera e encontra-se bem patente na obra de três autores: Estesícoro, Górgias e Isócrates. Na verdade, os três autores, o primeiro com a sua *Palinódia* (referida em 243a do *Fedro* de Platão), e os dois últimos com os seus exercícios retóricos, procuram traçar a imagem de Helena como uma mulher íntegra (cf. Gorg., *Hel.*, nomeadamente fr. 86 B 11 D-K).

No entanto, não é esta a visão que prevalece na produção trágica da Atenas do século V a. C., e são numerosos os exemplos de texto trágico onde é bem patente a imagem negativa com que é conotada a esposa de Menelau. Em *Agamémnon* de Ésquilo permanece a noção de que é esta a verdadeira causadora das desgraças que sucederam tanto a gregos como ao povo troiano. Em *As Troianas*, de Eurípidés, é acentuada a sua culpa, quer pelo facto de não ter sido forçada a abandonar Esparta, quer por ser associada a uma ambição desmedida. Aliás, o negativismo na caracterização desta figura assume o seu auge com *Orestes*, peça de 408 a.C., onde a personagem é levada a um extremo de inconsciência e futilidade que lhe granjeia o ódio dos sobrinhos, em nada auxiliados pela sua presença em Argos. Prevalece uma visão pessimista face à filha de Tíndaro, contradita quatro anos antes com a peça *Helena*, onde o dramaturgo procedia a uma reabilitação da sua imagem com recurso ao argumento da sua permanência no Egipto, ideia já postulada por Estesícoro e Heródoto.

Higino distancia-se destas divergências, optando por dar a conhecer uma versão do mito de Helena com a qual o comum leitor não está familiarizado. Está patente, no entanto, a ideia de um rapto inicial que parece marcar indelevelmente o rumo de uma mulher que, por força do destino, estará condenada a permanecer na memória dos homens como um ser ambíguo e da qual não podemos fazer um juízo firme e estante.

Tópicos de exploração didáctica

Sintaxe:

– oração subordinada temporal-causal (...*eos cum uidisset tantam audaciam habere... / ... cum per insulam Taenariam ad inferos descendissent et de qua re uenissent...*);

– oração subordinada consecutiva (...*ut se ipsi ad periculum offerrent*);

– sintaxe do verbo *impero*, -as, -are, -aui, -atum com a conjunção *ut*;

– sintaxe de *peto*, -is, -ere, -iui, -itum com *a* ou *ab* + ablativo;

– voz passiva e o complemento de agente da passiva (*a furiis strati diuque lacerati sunt*);

– complemento circunstancial de causa (...*ob Helenam*...).

Morfologia:

- os compostos de *fero, fers, ferre, tuli, latum* (...*detulerunt*...);
- o pretérito imperfeito do conjuntivo na voz activa;
- a declinação de *Iuppiter, Iouis*.

ÂNDREA PATRÍCIA F. O. SEIÇA